

PRODUTO
Adirson Teles

Histórias, Cicatrizes e Reflexões

PRODUTO

Histórias, Cicatrizes e Reflexões é uma proposta de um recurso educacional apresentado na dissertação de Mestrado intitulada A apropriação da leitura como recurso pedagógico para os professores e suas possíveis contribuições para a ressocialização dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas e privados de liberdade.

O objetivo é estimular a reflexão acerca da adolescência, as circunstâncias e condições sociais e a atuação dos educadores em unidades socioeducativas junto aos adolescentes que se envolveram em algum ato infracional, cumprem medidas socioeducativas e se encontram privados de liberdade.

Há de se considerar, portanto, a conscientização sobre a importância do papel da escola na prevenção ou até mesmo na diminuição da reincidência em outros delitos. As histórias relatadas pelas adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas é um misto de realidade e ficção e se mostram estimuladores para a elaboração de projetos de vida, com a participação dos adolescentes, além de se buscar meios para acompanhar o egresso no retorno ao convívio social, articulando maneiras e métodos de atendimento a esses adolescentes que voltam à convivência familiar e social após o cumprimento de medidas socioeducativas.

Histórias, Cicatrizes e Reflexões¹

Adirson Teles

ENCONTROS

As atividades são desenvolvidas em uma sala de aula do Centro Socioeducativo e sempre estão presentes o professor e um agente que acompanha a adolescente.

As aulas sempre começam com uma conversa e até uma retrospectiva das atividades já realizadas.

As adolescentes lembravam da participação de algumas internas em uma radionovela e podcast. Elas foram desafiadas a escrever o que desejassem, o que viesse à memória, e, a princípio, nenhuma delas se mostrou interessada a escrever, mas após algumas abordagens sobre a importância da leitura e escrita, cada adolescente recebeu uma folha de papel, um lápis e uma borracha, e começaram a escrever o que elas imaginavam.

Uma das adolescentes se identificou como fã e admiradora do escritor Mário Quintana, e também foi a que mais se sentiu empolgada a escrever textos até mesmo filosóficos e de profunda reflexão.

O tempo de participação das adolescentes foi encerrado e somente uma delas se mostrou disposta a escrever, elaborando um curto parágrafo e dizendo “ter escrito de todo coração e boa vontade”.

ENTRE A DOR E A RAZÃO

Aquelas meninas vieram de longe, dos lugarejos ou pequenas cidades. Elas nasceram e viveram a infância em algum canto do interior. A cor da pele e a falta de recursos grita mais alto que qualquer relato.

A dureza da vida é igual à dureza do chão de terra batida, compactada, seca, dura, empoeirada. E muitas vezes sem recursos, sem um teto e até mesmo sobrevivendo com uma

¹ *Histórias, Cicatrizes e Reflexões* surgiu a partir de leituras e conversas com professores que atuam na escola socioeducativa, sendo os textos apresentados como recurso educacional da pesquisa de Mestrado Profissional intitulada *A apropriação da leitura como recurso pedagógico para os professores e suas possíveis contribuições para a ressocialização dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas e privados de liberdade*, defendida por Adirson Teles, no Mestrado Profissional Educação e Docência, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do Professor Doutor Walesson Gomes da Silva.

alimentação não digna, moldando a existência de quem se vê não só à margem, mas também marginalizado pela própria sociedade. E essa sociedade que julga, condena e pune, é a mesma que cria as condições para que as pessoas se tornem ainda mais infratores e transgressores das regras que nem sempre são bem assimiladas ou fáceis de serem cumpridas.

A lei nem sempre reflete a realidade vivida nos centros urbanos e ignora quem vive nos diferentes cantos por onde se espalham aqueles que se sentem privados de tudo. Ninguém lhes garante os direitos mais básicos e um mínimo de dignidade.

A lei escrita e publicada desconsidera a dureza da vida, a precariedade e a negação ao que é considerado justo e necessário à sobrevivência humana. A pele vincada, torrada pelo sol, acostumada à poeira e às intempéries também se reflete nas mãos calejadas ou nos pés cascudos e que sequer sentem os espinhos que lhes cravam o couro da sola.

E as meninas ali nasceram. E logo elas se sentem sobrando e percebem que nem sempre foi uma escolha ou um desejo que elas viessem ao mundo, mas a gravidez foi um descuido e mais uma vida para dividir o pouco que já é insuficiente.

E ainda bem pequenas começam a assistir a um show de horrores que tende a se perpetuar por toda a vida, perante a ausência de iniciativas que possam ouvir o silencioso grito de socorro. As vozes não se calam por resignação, não silenciam por vontade própria, mas por perceberem que gritam no vazio e os ouvidos estão tapados. Ninguém as escuta e a dor de muitos não interessa a quem também não sente a mesma dor. O sofrimento de alguns não é percebido se não há identificação com o padecimento alheio.

A invisibilidade fere, ser ignorado é desesperançoso.

A porta de casa se abre num vazio que se reflete em diferentes vazios. Vazio de direitos, de dignidade, de comida, de assistência, de oportunidades. As portas se fecham e não há sequer um olhar de acolhimento que possa abrir-se para um pouco mais de esperança.

E no desespero de nada encontrar, de nada esperar da vida, acolhe a chance de se ter alguma coisa. O caminho se abre a uma possibilidade que mostra mais fácil, menos árdua, menos sofredora.

Se não há trabalho, não há renda. Se não há renda, não há comida. Se não há comida, há dor. O estômago dói, a cabeça dói, o coração dói e a alma corrói. Não há escolha, é preciso lutar por sobreviver e se é invisível às leis, aos direitos, à dignidade, que se faça visível, que rompam as barreiras, que se alcance o mínimo desejável.

E a corda sempre arrebenta para o lado mais frágil. E se lhes faltam as condições básicas à sobrevivência, sobram as punições, os castigos, a restrição. A privação de liberdade e o

isolamento é a maneira de se punir a infração cometida, a transgressão, o descumprimento das regras e atitudes impensadas.

E assim, se revestem num grito de socorro, num pedido desesperado para serem percebidas, enxergadas e vistas como pessoas e não como coisas ou como uma ameaça. A privação de liberdade e o isolamento é tão somente uma nova forma de castigo, pois privação e isolamento é o que se sentiu desde o nascimento. E como ervas daninhas, elas são arrancadas de suas casas, extraídas de suas famílias, amputadas de suas histórias, do lugar onde nasceram, viveram e conviveram com as pessoas que elas conhecem desde os primeiros instantes de vida.

E assim, por algum tempo ostentam um brilho nos pulsos, mas não é uma pulseira, não é uma joia, mas algemas que limitam os movimentos e impedem qualquer reação. Vigiadas, as meninas são enfiadas em um carro e, pelo vidro, elas ainda podem ver o rosto molhado, as lágrimas escorrendo pelas faces e ouvem os soluços de um lamento por uma vida que ninguém desejou viver. E ao sentir arrancar um pedaço de si, as perguntas invadem os pensamentos. O que foi feito da minha menina? O que fizeram da minha filha? Para onde ela está sendo levada? Como viverá longe de mim? Até quando estaremos separados? Quando ela retornará para casa? Quando poderei abraçá-la, cuidar dela, vê-la novamente em nossa casa?

As indagações se atropelam, mas as respostas nunca satisfazem, nada explicam, nenhuma justificativa. A saudade já começa a se incomodar naquele momento de despedida. O vazio causado pela falta de condições mais básicas se agrava pelo vazio da ausência e a casa parece grande demais. Falta alguém ali. O quarto está vazio. Os poucos pertences também permanecem no mesmo lugar, esperando um dia vê-la retornar e preencher aquele espaço que sempre foi dela.

E ali, longe da casa, distante do afeto, em meio a estranhos, não há conversa, não tem assunto, somente perguntas com respostas curtas e objetivas e, depois de um tempo, chegam ao destino. E que destino! O enorme portão de aço é aberto, o carro entra. O portão se fecha, o carro para. A porta é aberta, todos saem do veículo. A algema só é retirada depois das primeiras conversas entremeadas ao medo, à insegurança, à incerteza.

Ali será a sua casa por algum tempo. Aquele lugar será o seu recolhimento. Não se pode ver o mundo lá fora, não poderá saber o que acontece do outro lado dos muros altos que protegem aquele lugar. É um espaço de privação, como as privações sofridas ao longo da vida. E, assim, as meninas são enxertadas num lugar estranho, entre pessoas estranhas, com regras estranhas, em meio a tudo que tão somente é muito estranho.

E o simples ato de alguém passar pela rua, à frente daquele lugar já desperta a curiosidade e apreensão. O que acontece lá dentro? Como deve ser o viver e conviver ao

transpor os portões de aço, protegidos por trancas, cadeados e chaves? As indagações surgem e se atropelam, porém, ao passar pelo portão, ali mesmo na guarita, se tem uma leve noção do que se encontra no interior daquele lugar. Os corredores conduzem a um labirinto com muitas portas, corredores e caminhos que tornam possível se perder por aquele proposital emaranhado de possibilidades que não levam a nenhuma rota de fuga. Quanto mais entra, mais se perde!

O caminhar insistente leva ao pátio, que também se abre para diferentes percursos e rumos. As meninas são recolhidas e acolhidas por algum ato infracional, por cometerem alguma atitude que não condiz com as regras estabelecidas pela sociedade ou pelo descumprimento do que é considerado normal e que leva à restrição da liberdade. Os gritos se traduzem na ansiedade por se ver livre, clamando pela liberdade. Liberdade para ser livre e ser livre para fazer o que bem deseja, o que lhe der na telha. Mas fazer o que dá na telha nem sempre é compreendido como correto e muito menos aceitável.

E na impossibilidade de se conviver com o diferente, com o transgressor, opta-se por isolar e retirar do convívio da sociedade aquelas pessoas que não aceitam as regras consideradas normais. Ainda são adolescentes e, ao mesmo tempo, são vítimas de uma construção social que impele e repele, que estimula e reprime, que dá as condições de revolta e punição.

Como entender a sociedade? Como compreender um sistema que incentiva a falta, a restrição, que suprime direitos e ao mesmo tempo isola, castiga e priva a liberdade de quem grita por ser percebido, enxergado, visto como alguém e não como algo? O normal é aceitar? O aceitável é resignar? O adequado é abaixar a cabeça, recolher em si e abrir mão da necessidade de ser visto e percebido como sujeito social e sociável? O educativo é fazer aceitar as regras, as rédeas, as condições, e se calar? Sim, são adolescentes.

Uma vida longa pela frente! E que tipo de vida? Uma existência marginalizada, violentada, infância roubada, juventude privada, liberdade amputada! Sem dúvida, continuam adolescentes, e adolescentes que buscam no grito e na violência o direito de se expressar, a necessidade de serem vistas. Elas querem encontrar a mínima possibilidade de serem consideradas participantes da sociedade e com os mesmos direitos a viver junto dos demais.

A diferença forma a sociedade e torna a sociedade diversa e diversificada. Tão somente são adolescentes a quem desde sempre lhes foi negado o direito à família, à dignidade, às possibilidades. E lhes foi oferecida a violência, a agressividade, a restrição, a punição, a limitação e correção pelos atos cometidos talvez sem a mínima consciência de se estar transgredindo alguma lei ou lhes faltou uma orientação, um conselho.

Agir por impulso, por achar bonito, por gostar de sentir os efeitos do estímulo ao perigo. Errar por ignorar o que é certo é um erro ou é a ausência de conhecimento e não ter consciência?

Se errar é humano, porque punir com tanta rigidez os erros de alguns? Por acaso quem pune não erra nunca ou não se considera humano? Como exigir dos adolescentes a plena interpretação das leis se nem sempre os próprios envolvidos com as questões jurídicas conseguem interpretar os textos que eles mesmos escreveram?

Mas elas são apenas adolescentes e como adolescentes viverão o que lhes resta a viver numa sociedade injusta, desigual e que somente a esta sociedade interessa os dissabores sofridos por quem sempre foi e talvez será invisível. E a sociedade cria as condições, impõe as regras e ignora os seus efeitos, as consequências. Se aos dominadores nada falta, não lhes interessa a carência e o sofrimento daqueles que nada possuem. No entanto, aquelas meninas são o retrato de uma sociedade injusta, desigual, opressora e promotora de um abismo social que se abre e se amplia a cada instante. E mesmo nessas condições, aquelas meninas são tão somente adolescentes!

ENSINAR E APRENDER

Ensinar não pode ser entendido como formatar, moldar, acomodar, adestrar, mas é responder à curiosidade, às dúvidas, às perguntas, às indagações, é construir conhecimento. Ensinar é buscar respostas para as indagações de quem ensina e também de quem aprende, é construir, é se construir, se tornar pensante. Aprender é ter vontade, é desejar descobrir, e descobrir o que oprime, quem oprime e lutar contra a opressão, é buscar a libertação acreditando em si mesmo e combater o regime que sufoca, que mata por dentro e por fora o próprio ser que é humano.

Aprender é se incluir em um caminhar libertador, é se inserir em um mundo, em uma realidade, na própria realidade. Aprender é criar, recriar, decidir, é dominar e humanizar a realidade e somar a essa realidade o seu próprio ato de fazer e se fazer sujeito de si e para si mesmo. Aprender é mergulhar em uma ação que transforma a realidade e o espaço onde se vive e convive, é não se ver como um instrumento que se ajusta à sociedade, mas é tomar consciência e refletir sobre as circunstâncias que transformam a realidade.

Aprender é encontrar motivos para aprender e os motivos para viver. Aprender é, acima de tudo, se reconhecer, se enxergar, se ver e perceber as próprias características físicas, motoras, afetivas e psicológicas que permitem e promovem o desenvolvimento da pessoa, do indivíduo, enquanto sujeito que vive e convive coletivamente, com a sociedade. O elo entre quem ensina e quem aprende é a afetividade, e aprender é se transformar, de dentro para fora, num ajustar provocado pela ação de fora para dentro.

LER E SE DESCOBRIR

Ler é um ato solitário, individual, pessoal, mas ler é também um ato solidário, compartilhando saberes, absorvendo conhecimento.

Ler é estabelecer uma troca entre autor e leitor, é recriar, é se tornar coautor, é interpretar e reformular o texto para se ter outro sentido e também dar outro sentido à própria leitura.

Ler não é um aprendizado simples, mas é uma conquista da própria autonomia, é ampliar os pensamentos e compreender melhor o próprio jeito de ser e viver.

Ler é romper barreiras e não se isolar na mera aceitação ou passividade, mas é encarar a realidade com argumentos consistentes para enfrentar e superar obstáculos e impedimentos.

Ler é construir uma ponte, é formar um elo, é mediar o mundo e homem leitor e compreender esse mundo e se compreender melhor para a uma convivência social mais saudável.

Ler é compreender a existência do ser e decifrar o sentido que cerca o próprio existir.

Ler é remover barreiras, desenvolver a linguagem e encontrar as bases justas do exercício da cidadania.

Ler é favorecer o desenvolvimento de funções intelectuais, melhorar a fala e a escrita.

Ler é codificar e decodificar símbolos, encontrar sentidos, entender o texto e refletir sobre o conhecimento que forma a própria vida.

O LIVRO E A LEITURA

O livro é o veículo que conduz o leitor a uma viagem por um mundo sem fronteiras, o mundo dos leitores, o mundo das leituras. O livro leva ao passado e ao futuro, ao espaço e ao vazio, conduz por caminhos e adentra a própria alma humana. A leitura dá sentido, encontra significados, é um recurso para melhorar as relações.

A leitura é uma maneira de comunicação verbal para a construção das relações sociais e fortalecer o diálogo. A leitura é o reflexo da educação, do ensinar, do aprender, é lançar o indivíduo a se aceitar e aceitar o outro, é formar o sujeito para si e para o mundo, estabelecendo relações sociais e primordiais à coletividade.

Ler é buscar significados e o texto passa a constituir o leitor, promovendo o desenvolvimento do indivíduo, dando sentidos ao conteúdo lido. O ato de ler vai além e leva o leitor a aperfeiçoar suas práticas sociais que se firmam pela escrita. O universo criado pelo texto

desperta a curiosidade, estimula a busca por sentidos, atíça a imaginação e permite que o leitor recrie, reformule e conduza os seus pensamentos na busca outras interpretações.

A literatura é um bem cultural que impulsiona a educação e torna melhor a percepção, a sensibilidade favorece a concentração. A literatura, seja no universo real ou da ficção, ajuda a aprendizagem e a comunicação oral, e torna mais fértil a imaginação. A literatura leva o leitor a diferentes culturas, povos, lugares e saberes. Ensinar literatura e promover a leitura favorece a socialização do indivíduo leitor, que percebe ser livre a sua imaginação e a interpretação.

A leitura ajuda a recontar o texto sem amarras ou censura, o que se traduz em aprendizagem e libertação. A leitura organiza e ordena as experiências do leitor e enriquece as suas ideias a cada texto lido.

ALGUMAS HISTÓRIAS, MUITAS CICATRIZES

Gisa nasceu numa cidadezinha no interior de Minas Gerais, lá no cafundó do Judas, ou onde o Judas perdeu as botas, como diziam. A pequena casa de tijolos, sem reboco ou pintura, abrigava a família que sobrevivia no enfrentamento de muitas dificuldades. As poucas ruas eram de terra batida e ali não havia uma praça ou algum divertimento, além dos eventos religiosos ou as peladas no campinho de terra. Dona Inácia, a mãe de Gisa, nunca se casou e talvez fosse essa a razão de não exigir do marido nenhuma fidelidade ou que ele não se envolvesse com outras mulheres.

Ela não se achava no direito de obrigá-lo a ser fiel se não havia um documento que os mantivessem unidos. Não houve casamento, ela não usou vestido branco, em sua cabeça não pousou uma grinalda e um buquê de flores suas mãos jamais levaram. O pai de Gisa era lavrador e passava a maior parte do tempo na roça, cuidando das plantações do patrão, que não lhe pagava salário, mas permitia que ele pegasse no armazém do Nelízio o que precisasse.

E naquela venda somente encontravam o que era considerado básico, nada supérfluo. As mercadorias ficavam expostas em prateleiras de tábuas e o próprio vendeiro escolhia o produto pedido pelo freguês. Nelízio mandava vir da cidade os mantimentos e algumas novidades que agradavam os fregueses, que se empolgavam com os apetrechos que o vendeiro importava para o vilarejo.

O trabalho na roça nunca era suficiente para pagar aquela conta das despesas do mês, uma dívida que parecia interminável. Dona Inácia olhava os filhos e pensava no futuro eles poderiam ter, vivendo naquela miséria de vida. Ela dizia não ter tempo nem para pensar, pois os filhos precisavam dela e lhe davam muito trabalho. Os seus cabelos já haviam

embranquecido antes do tempo. Os filhos cresciam, as preocupações aumentavam e ela não esquecia o primeiro dia de aula de Gisa. Aquele já era o prenúncio de muita dor de cabeça com a filha caçula.

Gisa ainda não completara sete anos quando fora matriculada na escola. A mãe sabia que cumpria uma obrigação, mas que teria muitos problemas. Ela fora em companhia da irmã mais velha, mas instantes depois, já estava de volta. A menina dizia não ter gostado da escola e voltou para casa. A irmã desmentiu Gisa. Ela havia agredido uma menina porque não gostou da maneira que lhe dirigiu o olhar. A mãe conhecia bem a filha e sabia que o seu pavio era muito curto.

A filha era muito impicante, briguenta e não aceitava desaforo, e suas suspeitas se confirmaram no primeiro dia de aula, quando viu a menina voltar para casa depois de uma briga. Gisa se acostumou a ouvir os comentários que a mãe tivera três filhas e o seu pai se envolvera com uma outra mulher e nasceram duas filhas, que moravam num lugarejo distante. O quintal da casa não era suficiente para Gisa, que ganhava as ruas de terra batida e empoeirada, numa correria desenfreada, subindo e descendo os morros, pulando as cercas e incomodando um e outro.

A menina não aceitava ser repreendida e desconhecia os limites de uma boa convivência. Os anos passavam e Gisa crescia, porém, as preocupações da mãe também aumentavam. A filha era muito travessa, inquieta, e não eram poucas as reclamações que ela ouvia e relatos de confusões envolvendo a menina. Os primeiros dias na escola já evidenciaram que não seria fácil manter a menina nos estudos, e não era raro o dia que ela recebia um chamado para comparecer perante a diretora ou professores que expunham alguma confusão que Gisa havia aprontado.

Numa tarde, Gisa andava sem rumo pela rua quando cruzou com Emerson, um rapaz alto, magro, pele queimada pelo sol, cabelos cacheados cobrindo-lhe as orelhas, e um semblante desconfiado. Ele seguiu a passos lentos, virando o rosto para observar a menina, que também não disfarçou e trocou olhares com o rapaz que, até então, era um desconhecido. Gisa parou na esquina, sentou em um tronco e fingiu esperar alguém, mas nem ela sabia o que fazia ali.

Ela assustou-se quando Emerson surgiu à sua frente. Sem cerimônia, o rapaz sentou-se ao seu lado da menina e a conversa foi inventada num instante. Alguns dias se passaram e os encontros já não eram mais por acaso, mas programados. Gisa procurava Emerson e Emerson não mais queria viver sem Gisa. O convite para uma aventura foi feito e Gisa logo descartou, dizendo não ter dinheiro.

Mas Emerson contornou a situação e falou que era fácil arrumar e naquela mesma noite ele apareceu na rua em que ela morava pilotando uma moto. Gisa não pensou duas vezes e

seguiu Emerson para uma aventura. Entrando numa rua e em outra, entraram em um beco escuro e úmido. A menina sequer sabia para onde estava sendo levada, mas deixou-se levar. A moto foi escondida em um lugar escuro e eles caminharam e chegaram a um barraco de lata. Emerson era falante e logo ofereceu um cigarro à menina, que relutou mas aceitou.

Em alguns instantes, ela estava sonolenta, com fala desconexa e querendo saber onde estava. Naquela noite, Gisa experimentou a droga pela primeira vez, aos doze anos de idade. E na alucinação daquela substância que percorria o seu corpo, a menina descobriu um mundo diferente daquele no qual vivia. Ela já não percebia as dificuldades com tamanho temor e incerteza, mas podia viver suas emoções naqueles instantes de êxtase. Naquele vilarejo a vida era difícil, não havia um jeito de arrumar dinheiro e Emerson convidou Gisa para ire à cidade vizinha.

A motocicleta contornava as ruas e Gisa seguia rumo às aventuras que lhe davam a sensação de liberdade, de estar solta no mundo como se transitasse por um território sem limites, sem regras, onde tudo lhe era possível. E outros convites foram aceitos antes mesmo de ouvir as orientações que lhe dizia Emerson. O supermercado fecharia antes das oito da noite e logo no final do expediente seria o momento ideal para o assalto, falou o rapaz.

Gisa se sentiu animada e logo pensou em alternativas de fuga. Emerson estaria na rua ao lado, na moto, esperando pela menina que traria os produtos furtados. Ela não devia pegar o dinheiro, mas alguns produtos, alertou o rapaz. Alguns minutos antes do fechamento das portas, Gisa entrou e furtou diversos produtos e saiu a passos largos, quase arrastando a mochila. Ela sequer abotoou o capacete e já saíam em alta velocidade pela rua, vendo a certa distância dois seguranças do supermercado que perceberam o roubo e seguiram a menina.

Alguns dias se passara e, naquela tarde, Gisa estava com a sua turma em um barraco abandonado. Enquanto uns bebiam e fumavam, outros dois cochichavam num canto. Eles combinavam um assalto para aquela noite, mas um barulho dispersou o grupo. Uns corriam, outros pulavam muros e buscavam um meio de escapar da polícia que invadira a rua.

Gisa foi alcançada quando, ao fugir, se deparou com o policial que a segurou pelo braço. Um policial disse tê-la reconhecido, era a menina do roubo ao supermercado, disse ele, e o outro disse ser a companheira do motoqueiro que roubara a joalheria na cidade vizinha e que portava um revólver enquanto transitavam na rua. Gisa não teve como escapar e foi levada até a viatura, que esperava na rua, que se encheu de curiosos. Dona Inácia chegou a passos largos e queria saber o que havia acontecido, e a polícia apenas disse que sua filha fora apanhada em flagrante em uma boca.

A mãe sentia o coração apertado, mas nada poderia fazer pela filha, que foi levada para a delegacia. Ela sabia que as más companhias desviaram a sua menina do caminho. Quem convenceu Gisa a participar dos roubos sequer estava ali para livrá-la das acusações. A viatura seguiu, levando Gisa para a delegacia. Algum tempo depois, dona Inácia chegou, perguntando o que havia acontecido e o que a filha havia apontado.

O delegado não falou muito e tão somente disse que Gisa havia se envolvido em atividades delituosas e seria recolhida para cumprimento de medidas socioeducativas. Dona Inácia não entendia o que falava aquele homem e sequer sentiu-se animada a perguntar. Não adiantaria explicações, ela não compreenderia a linguagem e a maneira dele falar.

Era melhor aceitar aquela situação, pois nada mais ela poderia fazer. O desespero da mãe foi maior ao ouvir que a filha seria levada para a capital, onde seria internada em um centro socioeducativo. A capital era muito distante dali, como ela ficaria longe de sua caçula? Os seus argumentos não adiantaram, não havia um meio de defender a sua menina e algum tempo depois, a viatura deixou a cidade, levando Gisa sentada entre dois agentes de segurança.

Ela sequer pôde acenar para a mãe, pois tinha os pulsos algemados. Gisa olhava para os próprios pés e não ousou falar uma palavra sequer. A viagem seria longa, ela chegaria ao anoitecer, disse um dos agentes. Ela não se sentia ansiosa, não tinha noção para onde estava sendo levada e o que encontraria em seu destino. Algumas horas se passaram e, depois de entrar por uma rua e outra, subiram uma ladeira e pararam à frente de um prédio com muros altos, pintado de branco, um enorme portão se abriu e o carro entrou.

Gisa foi levada a uma sala onde lhe foram feitas algumas perguntas e ela foi conduzida pelos longos corredores daquele labirinto gelado, cercado por muros altos, protegidos por concertina e fios eletrificados. As paredes eram de concreto e tijolos, as portas protegidas por robustas grades. O delegado falou com dona Inácia que a filha seria conduzida para o centro socioeducativo, e não uma cadeia, mas aquele lugar parecia uma cadeia, pensou Gisa, enquanto caminhava pelos corredores, sendo levada por uma agente de segurança. Ali, ela conviveria com outras adolescentes e receberia orientação para evitar que eles voltassem a cometer infrações e pudesse conviver melhor com a família e a sociedade, dizia a agente.

Uma grade de ferro foi aberta e a agente indicou a passagem. Gisa entrou, percorreu um olhar pelo ambiente e se sentiu um bicho preso em uma jaula. Duas outras meninas estavam sentadas na cama e, antes de falar qualquer palavra, a agente de segurança indicou a cama que poderia ser ocupada. Gisa foi até a cama que estava desocupada e sentou. Estava privada de liberdade, presa, e aquela seria a sua punição por ter roubado. Quem se interessaria em conhecer a sua história e entender a realidade das pessoas que se encontram ali, do outro lado daquelas

grades? As indagações da menina pareciam não ter resposta e ela tão somente recostou na parede e ficou pensando.

O olhar de Gisa estava perdido, percorrendo aquele cômodo, em busca de respostas, mas ela sabia que apenas conheciam os delitos que ela cometeu. A sua história de vida, como a de outras meninas presas naquele lugar, era desconhecida. Ali era um espaço de hostilidades e muitas ainda sonham com outra realidade e uma maneira diferente de viver.

Ela estava em uma prisão, não poderia sair e muito menos experimentar a liberdade de fazer o que desejasse e quando bem quisesse. Elas eram vigiadas, controladas e ninguém poderia tirá-la daquele lugar e levá-la de volta para a sua casa. Rebeca, a companheira de cela sorriu, buscando em Gisa uma oportunidade para conversar. Elas eram apenas um número, eram anônimas, e precisavam aprender a reescrever a própria história.

Enquanto estivessem naquele lugar, não poderia perder a esperança. Era preciso reconstruir a vida e cumprir as regras e até mesmo os rituais que são impostos em um lugar que possui o caráter de punição, concluiu Rebeca. Helô, que ouvia em silêncio, se sentiu convidada a falar e apresentou aquele lugar como um local de castigo. Os agentes agem com naturalidade diante de uma realidade que não lhes afeta, pois eles se sentem confortáveis com aquela condição, mesmo que o cotidiano de uma prisão retrate uma rotina de violência ou agressividade.

Aos poucos, Gisa entendia que o tempo que uma pessoa passa em uma prisão é uma caminhada de sofrimento, terror, angústia, mas também de aprendizado, descoberta, amor e até ódio. Ela olhava a fisionomia das companheiras e observava até outros rostos que se espremiavam na grade de outras celas, e percebia que elas tinham uma fisionomia atormentada. Aquele semblante parecia fazer parte do cenário, e não poderia ser diferente. Aquelas meninas vestiam roupas gastas, surradas, cabelos despenteados, meninas ainda e já desdentadas ou com dentes apodrecidos, pele amarelada, pálidas, talvez pela má alimentação ou do elevado consumo de drogas e álcool antes de ali chegarem. Há alguns dias, Gisa foi chamada para frequentar a aula.

Ela desceu acompanhada de uma agente e entrou tímida na sala pequena, com poucas cadeiras. Nos primeiros instantes, a menina se sentiu tímida, apesar das perguntas da professora que se esforçava por conhecer um pouco de sua história. Numa manhã, Gisa entrou na sala de aula e, com um sorriso tímido, cumprimentou a professora e logo sentou-se à mesa dizendo que “hoje serei a professora”.

Ela se mostrou mais à vontade, descontraída até. Três livros finos e ilustrados estavam sobre a mesa, e também lápis, borracha e folhas de papel. Cantarolando uma música que ela disse ter criado a letra sobre uma melodia já existente, ela pegou uma das folhas em branco e

disse que iria escrever. E como se estivesse compondo a letra e a música, Gisa cantava uma frase e copiava na folha, repetindo-a para ver se encaixava bem o texto ao ritmo.

Ela escrevia e em seu escrito parecia querer afirmar a presença de Deus em sua vida e, ao mesmo tempo, buscar em Jesus as 150 forças necessárias para vencer e ter um futuro melhor. Depois de escrever um pequeno parágrafo, Gisa falou que não queria mais escrever e começou a falar de um suposto romance com Bárbara, que a trocou por outra. E mesmo tentando se concentrar na escrita, ela dizia ouvir a voz de sua suposta ex-namorada chamando pela outra menina quando se encontravam na rua.

Num primeiro momento, a professora pensava ser uma imaginação de Gisa, pois ela não ouvia o que a menina dizia escutar, mas ela prosseguiu, na tentativa de contar a sua história em forma de música, retomando a folha de papel para escrever ou rascunhar alguma informação que pensava ser relevante. Subitamente, Gisa lembrou-se da mãe e começou a falar da saudade que sentia, do aperto no coração só de pensar que receberia a sua visita no dia seguinte.

Mas ninguém disse que a mãe de Gisa a visitaria no dia seguinte, e para a professora parecia uma imaginação da menina, fruto da saudade que sentia. Num repente, Gisa seca os olhos, sorri e fala que não vai mais chorar e começa a falar que ela já havia se casado com Emerson e que ainda gostava muito dele. E sua fala era entrecorta por lembranças de seu possível envolvimento com Bárbara, que supostamente a deixou por se sentir atraída por outra menina, também interna naquele centro socioeducativo.

Gisa também se sentiu lisonjeada ao falar de seu cabelo, que é longo e preto, associando a sua aparência à herança indígena da avó. E naquele momento, ela falou de sua irmã, e contou ter dois irmãos que moravam com a mãe e duas irmãs que moravam com o pai. A saudade novamente tocou-a e ela parou de falar, pensou por um instante e começou a relatar suas aventuras nos tempos da escola.

Ela lembrou que a mãe era constantemente chamada à escola por causa de alguma travessura ou briga. E foi ainda aos doze anos que Gisa disse ter conhecido as drogas. Ela aprendeu a fumar cigarro e logo passou a usar drogas, como maconha e craque. Gisa disse que morava numa cidade do Norte de Minas Gerais e, naquele momento, ela falou de uma amiga que a levou roubar uma joalheria numa cidade vizinha. Elas foram em uma moto que a todo momento era chamada por XRE Azul, uma identificação aparentemente inocente, porém, que poderia ser facilmente reconhecida em caso de uma busca pelos autores do delito.

O relato de Gisa, portanto, descrevia a ação da invasão à joalheria, que foi possível por meio do vidro da porta principal do estabelecimento, que foi estraçalhado por uma forte pancada. Dentro da loja, diversos produtos foram colocados em mochilas e elas saíram em alta

velocidade na XRE Azul, que circulou pelas ruas da pequena cidade e evadiu para uma região erma e de difícil acesso. No entanto, Gisa disse que essa não foi a única invasão que participou. Em uma loja de cosméticos, ela disse ter também sido convidada pela amiga que a levou na garupa da XRE Azul.

O acesso à loja se deu de maneira semelhante à anterior, quebrando o vidro da porta principal. Os muitos produtos furtados foram levados nas mochilas. Gisa interrompeu o seu relato e, após curto silêncio, lembrou-se da mãe e disse que ela iria visitá-la no dia seguinte e que levaria suas joias e seus perfumes, o que ainda lhe restava dos furtos aos dois estabelecimentos.

E num momento de curta reflexão, ela lembrou do primeiro contato com o craque e disse que o uso da substância estava acabando com os seus neurônios, que nem lembrava mais de muita coisa. Gisa não explicou como ela conheceu e obteve as drogas, quem forneceu, onde comprava e como ela mantinha o vício. Gisa também manifestou o desejo de não mais usar drogas, porém, deixou claro que o cigarro ela não abandonaria. O futuro lhe parecia distante, cheio de obstáculos, e Gisa falou do desejo de estudar, ser Psicóloga, e a professora ouviu e disse das dificuldades que enfrentaria, porém, que não devia pensar como algo impossível, pois dependia somente dela acreditar em seu sonho e se esforçar para realizá-lo.

Gisa voltou sua atenção ao papel que estava sobre a mesa e disse que faria uma lembrança para entregar à mãe, e na folha onde escreveu o seu texto, desenhou um coração partido e dois outros menores, fez uma declaração de amor à mãe, escreveu um pequeno texto e um pedido de desculpas a Deus, e assinou, como sempre gosta de ser reconhecida. Ao término da aula, Gisa abriu um livro e começou a ler, interrompendo na página 12, dizendo que continuaria a leitura na próxima aula, pois naquele dia já estava encerrando e que era o momento do lanche. Gisa se despediu e saiu. O professor estava na porta da sala de aula no Centro Socioeducativo quando Gisa chegou bastante sorridente e falando com empolgação.

Logo quis saber o que aconteceria numa sala ao lado, onde estavam algumas mesas, um computador e um aparelho de televisão. Ela indagou se poderia entrar sozinha naquela sala e apenas chegou até ao meio, percorreu o olhar e saiu. Ela entrou na sala de aula e sentou, acompanhada pelo olhar do professor. Indagada se estava bem, disse que sim, que estava feliz e que iria contar o que fizera naquela semana. Animada, disse que naquele dia não queria ler, mas contar sobre a visita que fizera a outro Socioeducativo, e ressaltou que lá somente havia meninos.

O motivo da visita era o ensaio para a festa junina que fariam no final do mês. Ela dançaria quadrilha com um interno e falou da beleza do rapaz, salientando os cabelos e a pele

lisa. Gisa interrompeu sua descrição para dizer que no socioeducativo masculino os meninos apanhavam da polícia e que eles estavam com marcas pelo corpo. Ela descreveu hematomas próximo ao olho do adolescente e afirmou ter sido agressão policial, porém, interrompeu a conversa e disse que escreveria uma carta.

A escrita era interrompida por algum comentário e Gisa se empolgou a falar de Emerson, o seu namorado. Ela falou do seu desejo de se casar em uma praia e logo se pôs a descrever o vestido que usaria, o penteado e até a cor das unhas. No entanto, o que causou espanto foi quando Gisa disse que a comemoração de seu casamento na praia seria com rajadas de fuzil e que levaria os seus amigos para essa festa.

Questionada se seria fácil se casar na praia e com o uso de armamento pesado, ela salientou que a cerimônia seria em uma igreja, mas a festa seria na praia e com disparos de arma de fogo. Na esperança de disfarçar as ideias de Gisa, o assunto foi desviado para as suas unhas, tendo recebido muitos elogios pela cor rosa e afirmando que ela mesma havia pintado, demonstrando habilidade e coordenação motora para se pintar.

A aula terminou e, como Gisa havia afirmado no início da conversa, ela não quis ler e nem ouvir uma leitura. Tão somente conversou e escreveu um pequeno texto que ela disse ser uma carta para o professor, que estava ali, à frente, encostado na parede e observando-a. Numa manhã, Gisa não foi à aula e chegou à sala uma adolescente que, até então, não havia participado das atividades. July entrou um pouco tímida e desconfiada, como acontece sempre num primeiro encontro.

Ela sentou e numa rápida conversa, disse que também veio do interior e que o namorado cumpria media socioeducativa em uma cidade distante. July aceitou fazer a leitura de três poemas e, em seguida, pegou a folha de papel e começou a escrever. Na primeira frase já revelou ter ansiedade e depressão, mas também disse gostar muito de ler. O professor percebeu que July queria falar, contar um pouco de sua história, e não a interrompeu.

E como se estivesse com os pensamentos desordenados, a menina dizia o que lhe vinha à memória, numa mistura de lembranças e saudade. Aos quinze anos, July falou de seu gosto por cigarro e também de comer. E não deixou de exaltar a beleza de sua mãe, a quem ela afirmou gostar muito e ter um forte desejo de cuidar de sua família. July também ressaltou a saudade que sente de sua cidade, de sua casa e principalmente de sua mãe. Ela ainda é uma menina, que mostrou os braços arranhados por causa de uma crise depressiva, talvez agravada pelo distanciamento da família, por se sentir só ou mesmo pela ausência do cigarro.

A menina contou um pouco de sua história, de sua cidade, de sua casa e disse que gostava de comer pequi, suçã e dobradinha com batata. O tempo de atividade foi encerrado e

July voltou para a cela. A professora chegou à sala, sentou e aguardou as alunas. A menina entrou de cabeça baixa e sentou sem nada falar. Ela se manteve em silêncio, respondendo de maneira monossilábica ao que lhe era perguntado. Aquele seria o seu primeiro dia de aula. Ela não conhecia a professora, que se apresentou e perguntou à adolescente o que ela gostaria de falar. A menina fez um muxoxo como se não quisesse conversa, mas logo começou a contar a sua história. Vivi disse ter dezessete anos, nasceu em uma pequena cidade da região leste, onde morava com a mãe, o padrasto e uma irmã mais velha.

A irmã tem “problemas de cabeça” e nunca estudou, não sabe ler e escrever, porém, ela tem uma filha de cinco anos de idade que “adora estudar, já lê e escreve o próprio nome”, afirmou. A adolescente também afirmou que gosta de ler e lê por hábito, já tendo lido alguns livros e, inclusive, apreciava muito o escritor Mário Quintana e Pedro Nava, porém, a sua preferência é pela literatura de Mário Quintana.

O seu sonho seria conhecer o escritor e dar-lhe um abraço, porém, sabia que não seria mais possível. Citando Anne Frank, repetiu reiteradas vezes que “o papel tem mais paciência que as pessoas”, afirmando que muitas vezes prefere escrever e não falar. Ela disse acreditar que a leitura e a escrita são terapia, pois a deixam mais tranquila, relaxada. E não se esqueceu de falar que já escreveu diversas poesias e que tem um caderno cheio de textos autorais.

A professora sorriu e incentivou a adolescente a continuar as suas leituras e buscar outros autores que despertassem ainda mais o seu interesse pelas histórias e livros. E também foi estimulada a escrever, não desistir ou desanimar de desenvolver o seu talento enquanto escritora. Vivi pediu para sair da sala, se sentia cansada. Outras duas meninas chegaram e, após cumprimentarem timidamente a professora, uma delas disse ter vindo da região metropolitana da capital. Ela vivia com a mãe e irmãos, cursava o sétimo ano escolar, porém, afirmou não saber ler e ainda está aprendendo a escrever o próprio nome, se apresentando como Laura.

A professora, portanto, percebendo uma dificuldade em como a adolescente não lê e não escreve, sugeriu que fizesse a leitura de uma imagem em uma revista com texto, interpretando a ilustração que ela mesma escolheu. À medida que a adolescente folheava a publicação, falava algo que pudesse descrever a cena da figura, não sendo uma leitura interpretativa, mas descritiva. Melissa, a outra adolescente também disse preferir analisar as ilustrações do livro e, enquanto observava a figura, falava o que lhe vinha à memória.

A adolescente disse ter 14 anos de idade, nasceu em uma cidade da região metropolitana da capital e estuda na sétima série, porém, falou que também não sabe ler e nem escrever. Ela conhece as letras e está aprendendo a escrever e ler com um professor que está alfabetizando-a ali, nas aulas no socioeducativo.

A professora entregou à adolescente o livro *A lenda de Maria Áurea*, de Vovô Genaro, ilustrado por Rosa Marques, uma publicação do ano de 1991. A menina folheou o livreto e disse o que via e entendia nas ilustrações dizendo: Uma casa no meio do nada, parece um palácio onde mora o Rei. No terreiro, há um homem trabalhando para sustentar a família.

O soldado vem pela rua carregando um bêbado e o homem fica de frente para o Rei, enquanto a Rainha lhe oferece uma bebida. Um homem que trabalha na roça come a maçã e reza, parecendo estar feliz, pensando nas pessoas que fazem a ceia. O bêbado parece estar triste, olhando uma mulher que dança, mas ela não conhece esse homem. Ele olha para ela com admiração e adora a sua imagem, pensando em sua época de criança, quando saía à procura dos animais e bebia água na cachoeira.

Melissa deixou a sala e, depois de alguns instantes de silêncio, uma terceira adolescente entrou na sala e logo disse não saber ler e escrever e que também não estava interessada em aprender. Ela ficou poucos instantes ouvindo a professora ler um pequeno texto. A menina pôs-se de pé e disse que não queria ler, nem escrever e muitos menos ouvir alguém lendo, afirmou. Ela pediu licença e deixou a sala. Ao sair, ela quase esbarrou em outra adolescente que entrou na sala, com um sorriso nos lábios, e nada disse.

Bia cumprimentou a professora, sentou e logo disse que sua idade era quatorze anos, tinha um filho de quatro meses e que ela morava também na região metropolitana da capital. A adolescente contou que conheceu o pai do seu filho aos onze anos de idade, quando ele tinha em torno de vinte e três anos. Disse que eles ainda mantem o relacionamento, porém, ele está preso, mas preferiu não dizer o motivo da prisão, onde ele está e por quanto tempo ficará detido.

Bia contou que a sogra leva o seu filho para visitá-la e falou com um sorriso, demonstrando alegria e orgulho, que o seu filho está pesando mais de dez quilos e que ele “mama Mucilon”². Segundo ela, a criança amentou somente por um dia, pois o “leite secou”. Ela contou de seu parto, dizendo que foi humanizado, num hospital da capital, e a sua criança nasceu de parto natural, em uma banheira. Foi-lhe proposto o parto “debaixo do chuveiro”, mas ela achou que fosse perigoso e preferiu na banheira.

Ela falou, também, que foi muito tranquilo o parto, sem dor e sem nenhuma complicação e que o seu filho nasceu saudável e gozando de plena saúde. A aula terminou e não houve mais tempo para quaisquer outras atividades naquele dia.

² *Mucilon* é a marca de um cereal infantil em pó indicado para bebês a partir de 6 meses de vida, porém, por ser um produto industrializado, é aconselhável moderação na alimentação dos bebês.

ADOLESCÊNCIA

As adolescentes, ainda meninas, chegam de diferentes localidades. Na pequena e restrita bagagem, sempre trazem um histórico de sérios problemas desencadeados por fatores sociais ou familiares. Muitas vezes, a família é formada pelo pai, a mãe e alguns filhos, e não é raro enfrentarem dificuldades pela falta de recursos e condições para sustentarem a todos. A esperança se esvai, as perspectivas de melhoras não existem e nada parece mudar, mesmo com tanto esforço e trabalho. Beber para esquecer os problemas, embriagar para aliviar a dor é uma alternativa.

A falta, a carência e a necessidade empurra a criança para o primeiro contato com a rua, que se mostra como alternativa, uma fuga ou uma busca por alguma solução para vencer tantos obstáculos. Dentro de casa podem ocorrer violências, abusos psicológico ou sexual, ou até mesmo os dois tipos de agressão. E essas violências nem sempre se mostram, mas ficam ocultas e contidas pelo medo e constrangimento emocional, se sentindo intimidada e envergonhada a falar sobre o assunto, e até mesmo se sentindo culpadas.

O adolescente maltratado pode se tornar uma pessoa violenta, perpetuando e transferindo a violência sofrida. E essa condição muitas vezes é agravada pelo fato de os pais estarem inseridos no mundo que é transmitido aos filhos os valores e comportamentos peculiares a essa realidade própria desse ambiente. No entanto, os pais muitas vezes estão desempregados e se percebem incapazes de prover o sustento da família, impelindo os filhos a buscarem recursos nas ruas.

E, na crueldade das ruas, as adolescentes encontram a discriminação, mas não acham um meio legal para que obtenham os recursos necessários para auxiliar a família. E como se estivessem diante de um abismo, de uma vida de privação, as adolescentes buscam até mesmo na ilegalidade um meio de vencer os obstáculos, apesar dos riscos que se colocam diante de seus olhos. O mundo apresenta os seus encantos, a rua deslumbra e se descortina diante dos olhos, e qualquer risco vale a pena para obter um pouco mais, diante do nada que permeou a vida, até então.

E, ainda, nem sempre encontram uma segurança e se deparam com a negligência de alguns segmentos de assistência social, tendo os direitos negados a esses adolescentes em condições socialmente vulneráveis. Entretanto, o fato de estar na rua, a escola também não vê esse adolescente com bons olhos e há preconceito, discriminação de toda a sociedade, pois a má fama se espalha e ninguém mais confia naquela pessoa que, apesar de jovem e estar ainda em formação, já se encontra mergulhada na ilegalidade e em descumprimento das leis.

Percebe-se, portanto, que o adolescente deixa a família e deixa a casa onde mora ao desacreditar desse grupo social e, após um tempo vivendo nas ruas e buscar ser uma pessoa melhor, retorna um tempo depois e percebe que não consegue convencer a ninguém que mudou sua maneira de viver, e que os mesmos conflitos ainda persistem. A realidade de antes nunca muda; os pais ainda estão desempregados, não há comida suficiente, o alcoolismo ainda perturba e causa transtornos dentro de casa.

Diante dessa realidade, pode-se entender que as adolescentes encontraram nas ruas o local para iniciar a sua socialização, ocupando praças, esquinas e pontos onde encontram outros adolescentes. Na rua, as adolescentes vivenciam, como em suas casas, relações de conflito que são resultado de tráfico de drogas, da atuação de facção criminosa e da violência urbana. E, nessas condições, as adolescentes estão sujeitas até mesmo a arriscar a própria vida. Inseridas nessa realidade cruel, as adolescentes se tornam infratoras por cometerem roubo, assalto, se tornam usuárias, traficantes, receptoras e vendedoras de substâncias ilícitas.

O início no universo das drogas na maioria das vezes ocorre quando ainda são crianças e atuam como “aviõezinhos”, pois é uma atividade mais fácil e não suscita desconfianças por parte da polícia. As primeiras drogas são oferecidas gratuitamente e, posteriormente, passam a trabalhar para o traficante em troca da substância. Dessa forma, pode-se perceber que a existência de umas adolescentes em condições vulneráveis acontece de maneira muito precoce, pois logo cedo conhecem a violência, a privação, a falta, o sexo, as drogas, o preconceito, a discriminação, a rejeição. É uma sensação de estar sobrando no mundo ou ser inconveniente a sua existência.

A SOCIOEDUCAÇÃO

A educação é considerada um instrumento essencial para a transformação da sociedade e a escola socioeducativa é compreendida como uma possibilidade de promoção da inclusão. Ela pode alcançar, de maneira ainda mais satisfatória, o seu objetivo com a adoção de metodologia e um conjunto de ações que garantam a educação social e estimule no educando o desenvolvimento de atitudes e habilidades. A escola socioeducativa deve atuar de maneira preventiva e eficaz, com ações desenvolvidas que tenham como foco principal a prevenção à reincidência do jovem em atos infracionais, bem como o que pode ser considerado como causa desse retorno às práticas delituosas.

A escola desempenha uma importante função na prevenção ou diminuição da reincidência, considerando que muitas vezes não há medidas que articulem a sociedade e a

instituição de acolhimento do menor infrator. Os profissionais que atuam na escola socioeducativa estimulam os estudantes a compreenderem os direitos e deveres, as questões da identidade, da autoestima, a pensarem um projeto de vida.

O Estado e a sociedade civil são responsáveis pela elaboração de políticas públicas, assegurando direitos e estimulando ações efetivas que possam reconhecer a individualidade de cada sujeito por meio de programas voltados à redução da desigualdade e da injustiça social. Nos dias atuais, a tecnologia tem se desenvolvido numa rapidez tamanha que dá a sensação de impotência, de impossibilidade de acompanhar a instantaneidade temporal que torna superficial até mesmo a aquisição de conhecimentos.

E isso gera múltiplas necessidades que são descartáveis, criando uma cultura extremamente imediata e consumista, pois a vida é vivida sempre na correria e com uma constante impressão que falta algo, há um vazio e uma insatisfação que nunca parece estar satisfeita. A exclusão social é agravada por diversos aspectos, pois eles enfatizam o comportamento e sentimento individualista, levando ao desinteresse pelo que é público e coletivo e, com isso, fazem surgir comportamentos conflituosos que tornam banais e corriqueiros atos de violência e condutas inadequadas.

Nesse sentido, os jovens são os mais suscetíveis a se tornarem vítimas, testemunhas ou agentes desse contexto, pois são expostos a situações de violência e acabam reproduzindo nas relações cotidianas essa agressividade. O sistema socioeducativo acolhe adolescentes que, por diversas razões, se envolveram em alguma ilegalidade.

Esses jovens perceberam muito cedo a dura realidade à qual estão inseridos e sentiram na pele as consequências da negação de seus direitos, a privação e a desigualdade e discriminação social. Muitos desses menores frequentaram por pouco tempo a escola e a maioria estagnou ou interrompeu os estudos ainda nos primeiros anos escolares. São, na maioria, negros, pobres e se tornaram invisíveis para sociedade, que não os enxerga como sujeitos com direitos a serem respeitados e garantidos.

Esses adolescentes encontraram nas ruas o local considerado por eles ideal para iniciar a sua socialização, ocupando praças e esquinas onde se encontram os seus pares. Na rua, eles vivenciam relações de conflito que são resultado de tráfico de drogas, da atuação de facção criminosa e da violência urbana. Os adolescentes envolvidos em atos infracionais devem ser assistidos não somente como punição, mas também com medidas educativas.

E, nesse sentido, o que se pretende é oferecer garantias de proteção integral aos direitos da pessoa e, assim, inseri-los no convívio social e a função da escola é socializar os conhecimentos que os homens produzem e, para que isso seja possível, o fazer pedagógico deve

buscar oferecer condições para que o educando se aproprie desse saber e esse processo, portanto, faz da escola a responsável pela humanização dos indivíduos.

Assim, o professor exerce um papel fundamental, pois percebem a atuação da escola socioeducativa como instituição de prevenção à reincidência do adolescente privado de liberdade. Dessa forma, esses educadores devem identificar quais ações a escola desenvolve e quais poderia desenvolver para prevenir a reincidência e, assim, inibir o surgimento de possíveis causas que estimulem o cometimento de outros delitos.

A escola inserida em uma medida socioeducativa de internação, no processo educativo, cumpre o papel de oferecer conhecimento e transmitir conteúdo, mas também deve atuar no sentido de prevenir ou evitar a reincidência em outros delitos. Muitas vezes as ações dos professores são permeadas por diálogos e aconselhamentos, se aproximando dos alunos e estreitando a relação entre educador e educando.

Deve-se considerar, portanto, que a escola é a própria medida socioeducativa e tem por objetivo evitar que os adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas cometam outros atos infracionais. Assim, pode-se considerar a escola como uma possibilidade de inclusão por meio de um conjunto de ações que garantam uma educação socializadora e que desenvolva atitudes e habilidades para a boa convivência social.

Biografia

Adirson Teles é natural de Luisburgo, uma pequena cidade localizada na zona da mata mineira, graduado em Pedagogia, pela UEMG, com Especialização em Gestão Ambiental – SENAC-MG, autor dos livros Maré de vento, Pecados e segredos após a meia-noite, Uma vida entre nós, Ferrovia, Devolva-me à vida, A choupana, Sorriso de mulher, Numa chuva de outono, O trem de doido e a rosa louca, Justo eu?, Bafagem, Gosto amargo de um doce veneno, Todo amor à minha cor.

Adirson Teles participou, ainda, da publicação da coletânea de contos, crônicas, poemas e poesias no livro Dois Dedos de Prosa e um Diverso e do Concurso de Contos, promovido pela Faculdade de Educação, da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, sendo selecionados e publicados no Caderno de Educação os contos: O Circo Chegou, 2006, O Menino do Sinal, 2006, A Menina dos Meus Olhos, 2007, A Lista de Miroveu, 2007, Nhaninha, 2008 e; Belico, uma ou nenhuma, 2008.

Contato:

<https://www.facebook.com/aditel.escritorminasgerais/>

Instagram:

@adirsonteles